

TEXTO 1. "O caminho digital é sem volta"

O escritor Paulo Coelho liberou todos os seus livros publicados para download. Agora oferece os inéditos em formato eletrônico

O escritor carioca Paulo Coelho, de 62 anos, se diz um entusiasta de novas tecnologias. Quando surgiu o computador doméstico, no início dos anos 80, descartou a máquina de escrever. Na década de 90, adotou o laptop. Agora, está encantado com um livro eletrônico da Sony que comprou em Paris. “Adoro ler neste aparelho”, diz. “Ele resolve um problema em minha vida: meu fascínio por livros e a vontade de levá-los para todo canto.” Coelho afirma que tem comprado muitos livros por download pela internet. Em seu Sony diz ter 140 títulos novos, que planeja ler. Isso sem contar as enciclopédias, os dicionários e outras obras de referência. “Realizei o sonho de carregar a biblioteca em minhas viagens e já não sinto o peso dos volumes.” Para isso, nem precisa recorrer à levitação.

Ele viaja por toda parte. É o escritor brasileiro que mais vende livros no mundo. Seus 20 volumes, publicados desde 1987, já atingiram a vendagem de 100 milhões de exemplares – e estão chegando ao formato digital pago, em sites como a Amazon. Em 2008, entrou para o livro *Guinness de records* como autor do livro mais traduzido de todos os tempos: *O alquimista*, para 67 idiomas. Virou celebridade internacional e hoje divide o tempo entre seu apartamento em Paris, sua casa em Tarbes, no sul da França, e o apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro. Ali, trabalha em sua fundação ou toma chá na Academia Brasileira de Letras – onde ocupa desde 2002 a cadeira de número 23, que pertenceu a Jorge Amado (outro raro autor de best-sellers nacional). O marco inicial foi *O diário de um mago*, de 1987. Nele, contava sua primeira peregrinação a Santiago de Compostela – que repetiu 20 anos depois para comemorar a ocasião em que prometeu cumprir sua “lenda pessoal”: virar escritor e ser lido, a qualquer custo, inclusive o de sua reputação.

O que seria se pudesse peregrinar pela terceira vez, agora com um e-reader na mochila? “Seria maravilhoso. O livro eletrônico tem magia. Ele revela uma verdade simples: o que importa não é a beleza ou a materialidade de um volume, mas o conteúdo. Os copistas dos mosteiros não gostaram quando Gutenberg veio com a imprensa. Acharam que os livros impressos não poderiam reproduzir a beleza das iluminuras feitas à mão. Depois todo mundo se acostumou. É o que acontece hoje com o livro impresso. Os puristas reclamam que os livros digitais não têm a aura da página. O caminho digital é sem volta. A mudança já aconteceu. Quem não adotar a nova tecnologia vai ficar tão antigo quanto os monges medievais. Não vai nem notar que é possível ler uma iluminura baixando o códice pela internet e lendo em um Kindle.”

Há dez anos, ele descobriu que existia pirataria eletrônica de livros. Uma edição ilegal de seu romance *O alquimista* circulava na internet para download. “Foi então que senti o primeiro impacto do livro digital”, diz. “Percebi que o futuro seria o livro digital com conteúdo livre.” Passou a oferecer todas as traduções piratas de suas obras no site Pirate Coelho. O resultado, segundo ele, foi o aumento exponencial das vendas de seus títulos em papel. “Ofereço meus livros para as pessoas baixarem”, diz. “Peço que, se gostarem, comprem a versão em papel. E quem não pode comprar que passe adiante, como um trabalho social. É dando que se recebe. A lógica da indústria tradicional é a da avareza. Um novo modelo de negócios tem de ser pensado.” Há poucos meses, ele começou a oferecer em seu blog obras inéditas, como *O caminho do arco*, nos principais idiomas e em cinco formatos digitais: ePub, PDF, iLiad, Kindle e Sony Reader. “A avareza não leva a nada”, diz. “Estamos vivendo uma ruptura geral. Vender livro já não é sinônimo de ser lido. E, se quiser ser lido, terá de adotar o livro digital.”

Luis Antônio Giron. *Revista Época*. Ed. 595, 12 outubro 2009.

TEXTO 2. ÉPOCA – O livro tem futuro?

Robert Darnton (69 anos, é historiador e diretor da Biblioteca da Universidade Harvard.) – O livro é uma grande invenção. É agradável de manusear e ler. Não desaparecerá. Mas crianças e adolescentes têm hoje pouco contato com ele. Sua fonte de entretenimento é o computador. Os jovens são fascinados pelas pequenas doses de informação a que têm acesso pelos diferentes tipos de máquina e não desenvolvem o hábito das longas horas de leitura. Para eles, o livro é menos convidativo, confortável e familiar que para nós. Isso me preocupa. Creio que veremos surgir diversas formas de leitura e toda uma variedade de meios de comunicação. Os livros acadêmicos serão híbridos, publicados em parte na forma convencional, em parte on-line, com dados, links e material suplementar em áudio, vídeo e imagem. No caso dos livros de não-ficção, que escrevo para o público leigo, acho ótimo poder exibir aspectos do passado graças à nova tecnologia.

ÉPOCA – Seus alunos ainda lêem livros?

Darnton – Meus alunos em Harvard são ávidos pela leitura. Mas não conhecem suas convenções, não sabem usar uma biblioteca, não sabem fazer pesquisas nem acompanhar as notas de rodapé. Eles dependem demais do Google. Ele é uma ferramenta fantástica, mas não é adequada para oferecer ao leitor o tipo de experiência, de degustação, que só o livro possibilita, como quando usamos o sumário para nos orientar ou folheamos capítulos aleatoriamente. O Google não permite isso. Haverá uma perda se dependermos demais desses mecanismos. Nesse sentido, sou pessimista. Devemos educar a nova geração a usar essa “máquina”, o livro, do modo como foi criada para ser usada.

Revista Época. Ed. 537, 29/08/2008.

PROPOSTA. Após a leitura atenta dos textos, escreva uma carta **defendendo seu posicionamento sobre o futuro do livro impresso.** **Atenção:** se você acredita que ele será substituído por novos formatos tecnológicos, dirija sua carta a

Robert Darnton; caso acredite que o livro em papel não perecerá, dirija-se a Paulo Coelho. Em ambos os casos, você deverá convencer seu interlocutor sobre seu ponto de vista.